

# O LUGAR DO PORTUGUÊS ESCRITO NA VIDA DO ESTUDANTE SURDO BÍLINGUE UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO DE CASO

Autores: Aline Olin Goulart Darde | e-mail: alineolin@yahoo.com.br  
Bárbara Silva Pereira | e-mail: barbaraxpereira@gmail.com  
Ana Paula de Oliveira Santana | e-mail: anaposantana@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Com o processo de democratização do ensino, bem como pelos movimentos educacionais inclusivos, o ensino superior (ES) vem se expandindo nos últimos anos, abrindo espaço também para os estudantes surdos (BRASIL, 2012). Neste contexto, há de se considerar que os surdos que atualmente frequentam o ES trazem legados das práticas pedagógicas nas quais foram submetidos durante a Educação Básica, o Oralismo e a Comunicação Total (DAROQUE e PADILHA, 2012) A partir da perspectiva Bilingue (SKLIAR, 2016) torna-se importante compreender como essas modificações de concepções teórico-metodológicas educacionais estão impactando na relação que o surdo universitário tem com a sua segunda língua e qual o lugar ocupado pelo português escrito na vida acadêmica do surdo universitário na relação inclusão/exclusão, barreira comunicacional/direito linguístico.

## OBJETIVO

Compreender o lugar do português escrito na vida acadêmica do surdo bilingue universitário.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caso de uma surda universitária bilingue, de nome fictício Maria, que tem o português escrito como L2, matriculada na graduação em Letras-Libras e que buscou ajuda na Coordenadoria de Acessibilidade Educacional de uma universidade federal do sul do Brasil. O procedimento envolveu: entrevista com questões norteadoras sobre a aquisição de linguagem, práticas de leitura e escrita anteriores ao ingresso na universidade e atuais, na qual foi mediada em Libras. Os dados foram analisados a partir de uma perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2014 [1975]; 2015 [1979]).

## RESULTADOS

A história educacional da estudante revela que ela foi submetida a práticas oralistas e de comunicação total no Ensino Básico. Tais práticas se entrelaçam com práticas medicalizadoras das suas dificuldades vivenciadas na escola. A Libras lhe foi apresentada tardiamente, na adolescência, e de forma fragmentada em sua vida escolar e social. A ausência da Libras dificultou sua inserção nas culturas do escrito (SANTANA, 2013) Somente na universidade teve a possibilidade de um ensino bilingue, um dos motivos que lhe levou à escolha do curso.

A análise dos dados evidencia uma série de questões que perpassaram o processo de alfabetização e letramento de Maria, dentre eles: diagnóstico de dislexia, reprovação, atestado médico, trancamento, dificuldades com o português escrito:

*"A leitura é difícil e eu quero escrever melhor, eu faço confusão com os textos escritos, eu tenho dislexia desde os 7 anos de idade, por isso não consigo aprender português [...] Eu já reprovei várias vezes e falto as aulas porque tenho trauma [...] Em uma disciplina eu já reprovei três vezes [...] Com atestado médico eu consigo trancar disciplinas e fazer poucas com mais calma [...] Já tranquei duas vezes o curso"*

Mesmo estudando em um curso bilingue, o português ainda se constitui como uma barreira comunicacional na esfera universitária, ainda que em um curso que assume uma perspectiva bilingue. O nível de exigências na esfera acadêmica está bem distante de gêneros primários e exige do estudante, quer seja ele ouvinte ou surdo, uma "competência" dos gêneros secundários. Desta forma, o nível de apropriação do português escrito como sua L2 e o nível de complexidade dessa língua para o contexto universitário prejudica a sua permanência no curso, o qual ela possui histórico de trancamentos de matrículas e baixo rendimento acadêmico, atrelado, à crença de que a estudante possui diagnóstico de Dislexia, justificando as dificuldades individuais como "doença", revelando aqui a medicalização sofrida. O discurso produzido pela estudante evidencia sentidos atrelados à exclusão educacional vivenciadas pelo não domínio do Português escrito. É nesse sentido que se precisa repensar tanto o conceito de bilinguismo e de proficiência de L2 dos surdos universitários, quanto formas de inclusão educacional, conduzindo-os para práticas, de fato, bilingues e para a garantia do direito linguístico do estudante surdo universitário.

## CONCLUSÃO

A Língua Portuguesa escrita ainda configura-se como uma barreira comunicacional para o estudante surdo, caracterizando-se como um fator excludente na universidade. Mesmo em um contexto educacional bilingue, como o curso de Letras/Libras, a Língua Portuguesa prevalece atuando como *forças centrípetas* de homogeneização, em detrimento às *forças centrífugas*, de heterogeneidade linguística (BAKHTIN, 2014 [1975]). Desta forma, é necessário se pensar em práticas de trabalho com o Português para surdos que não ocupe um lugar de ameaça ao sucesso acadêmico do surdo bilingue, que, neste caso, atua como um gerador de sofrimento a partir do momento em que se desconsidera suas condições de apropriação da língua na modalidade escrita..